

LAUREN BLAKELY

BIG ROCK

Tradução
FABIO MAXIMILIANO

 FARO
EDITORIAL

Prólogo

MEU INSTRUMENTO É SIMPLEMENTE SENSACIONAL.

Você não precisa acreditar no que eu digo. Apenas considere todas as qualidades que ele exhibe.

Vou começar com a mais óbvia: o tamanho.

É claro que algumas pessoas dirão que tamanho não é importante. Pois permita que eu lhe diga uma coisa a respeito disso: *elas estão mentindo*.

Você não vai querer um diamante minúsculo no dedo se puder ter um de três quilates. Não vai querer uma nota de um dólar se puder ter uma de cem. E não vai querer cavalgar pelos campos sobre um pônei se puder escolher o maior e mais garboso de todos os garanhões.

Por quê? Porque os grandes são os melhores. E proporcionam mais diversão. Pergunte a qualquer mulher que já tenha pronunciado a terrível frase: “Já está dentro?”

Nenhuma mulher jamais teve de me perguntar isso.

Você deve estar se questionando agora: “Mas qual é o tamanho dele?” Vamos com calma. Um cavalheiro não revela essas coisas. Eu posso ser mestre na arte de trepar, mas também sou um cavalheiro. Eu abro as portas do seu coração antes de abrir as suas pernas. Eu puxarei a cadeira para você se sentar, tirarei seu casaco, pagarei o jantar e a tratarei como uma rainha, na cama e fora dela.

Mas eu entendi. Você quer uma imagem para preencher sua mente. Uma escala, uma medida em números para poder saborear. Vamos lá. Imagine o tamanho dos seus sonhos. Pois bem: é pequeno perto do meu.

E quanto ao aspecto? Vamos ser honestos. Alguns pênis são feios como o diabo. Você sabe do que eu estou falando, por isso não vou me aprofundar no assunto. Para ter um vislumbre do presente que me foi dado pela natureza, quero apenas que você pense nas seguintes palavras: longo, grosso, liso, duro. Se os mestres do Renascimento vivessem hoje e produzissem esculturas de pênis, o meu serviria de modelo para todas elas.

Porém, falando com completa sinceridade, nada disso teria valor se ele não possuísse o atributo mais importante de todos.

Desempenho.

No fim das contas, o valor do pênis deveria ser medido pelo número de orgasmos que ele proporciona. Não estou falando de orgasmos simulados, estou falando de orgasmos múltiplos e devastadores, que fazem a mulher se arquear toda, perder o controle, trincar janelas... Explosões de prazer que a enlouquecem.

Quanto prazer a minha vara é capaz de dar? Não vou entrar em detalhes de um terreno tão íntimo, mas posso dar uma pista: meu membro tem um currículo impecável.

Pena que agora ele tenha que tirar férias forçadas. Isso é uma grande merda.

Cápítulo 1

OS HOMENS NÃO ENTENDEM AS MULHERES.

Isso é incontestável. Uma realidade da vida.

Esse cara, por exemplo. O sujeito que está no meu bar, com o cotovelo apoiado sobre o balcão de metal na melhor pose: *“Ei, vejam como sou descolado”*. Ele está alisando seu grande bigode e agindo como se fosse o melhor ouvinte do mundo enquanto conversa com uma morena gostosa, que está usando óculos vermelhos de armação quadrada. Só que o cara não tira os olhos dos peitos dela.

Sim, certo, a morena tem belos peitos. Belos e fartos. Um verdadeiro festival de luzes e cores para olhos masculinos.

Mas olhem só o que esse cara está fazendo.

Os peitos da garota não vão falar com você, amigão. Se você não olhar para os olhos dela, que estão um pouco mais acima, ela vai virar as costas e se mandar.

Encho um copo de cerveja para um de nossos clientes, um homem de negócios que costuma aparecer uma vez por semana. Ele parece bem cansado e, pelo menos no que diz respeito a bebidas, eu posso ajudá-lo.

— Essa é por conta da casa. Divirta-se — eu digo, deslizando o copo na direção dele.

— Essa é a melhor notícia que recebi hoje — o cliente diz com um sorrisinho de satisfação, antes de engolir metade do copo de uma só vez e tirar do bolso uma gorjeta de três dólares. Legal! Os garçons daqui, que dependem de gorjetas, vão gostar disso. Mas Jenny precisou sair às pressas porque a irmã dela teve uma crise ou coisa parecida, então eu estou atendendo os últimos clientes, enquanto minha sócia, Charlotte, cuida da contabilidade.

Quando o bigodudo chega mais perto da garota de óculos vermelhos, ela se afasta, balança a cabeça, agarra a bolsa e vai embora.

É isso aí. Eu dificilmente erro quando se trata de adivinhar se um homem vai se dar bem ou não. Na maior parte das vezes, as chances definitivamente não estão a favor dos caras, porque eles cometem os erros de abordagem mais comuns. Como, por exemplo, começar a conversa com uma cantada idiota, do tipo: “Nossa... O que é que esse bombom está fazendo fora da caixa?” ou então: “Você deve vender cachorro-quente, porque com certeza sabe deixar uma salsicha no ponto...”. É, eu também mal pude acreditar quando ouvi essas coisas. E quando o sujeito está conversando com uma garota, mas fica comendo com os olhos todas as outras que passam por ele? Existe um modo mais eficiente de queimar o filme com uma mulher?

No entanto, o maior erro que um homem pode cometer em um bar é *achar*. Achar que a mulher quer conversar com ele, achar que ela irá para casa com ele, achar que pode beijá-la sem que ela lhe dê permissão.

Quem *acha* vive se perdendo, não é?

Você deve estar se perguntando: “Quem esse cara pensa que é para falar dessas coisas?”

Bem, é melhor mostrar o meu diploma. Sou graduado em finanças e em linguagem das mulheres — e com histórico acadêmico impecável. Eu domino a arte de entender o que uma mulher quer... e de dar à mulher o que ela quer. Meu conhecimento nessa área é enciclopédico. Tenho grande fluência na leitura da linguagem corporal feminina, dos sinais e seus gestos.

Vou dar um exemplo do momento.

Charlotte está digitando no teclado de seu laptop, mordendo o canto do lábio inferior, o que indica que ela está concentrada. Tradução: *estou a mil aqui, então não me amole ou vai se arrepender.*

Eu estou exagerando um pouco, pois ela não seria realmente capaz de sair do sério por um motivo desses. Mas o fato é que Charlotte está enviando vibrações claras e o significado dessas vibrações é: “Não Perturbe”.

O sujeito bigodudo, porém, é analfabeto em termos de mulher. Está perambulando perto do balcão, preparando-se para dar a cartada. Ele pensa que tem chance com Charlotte.

Do lugar onde estou, lavando copos, quase posso ouvi-lo limpando a garganta e se aprontando para abordar Charlotte.

Não é nada difícil entender por que a minha melhor amiga chamou a atenção do cara. Charlotte é simplesmente maravilhosa, uma deusa da mais alta estirpe. Para começar, ela tem cabelos loiros ondulados e intensos olhos castanhos. A maioria das loiras tem olhos azuis e Charlotte, dona de uma beleza que inverte esse padrão, torna-se muito especial e absolutamente sedutora. Os homens chegam a esquecer o próprio nome ao se depararem com ela.

Como se isso não bastasse, ela tem um fantástico senso de humor, um sarcasmo envolvente.

E tem mais: ela é brilhante.

Mas o Bigodudo não conhece essas suas duas últimas características. Ele só sabe que Charlotte é linda e vai até ela para tentar a sorte. Bigodudo tropeça em uma banquetta e abre um grande sorriso forçado. Charlotte reage com surpresa, incomodada porque o sujeito invadiu seu espaço de trabalho.

Charlotte sabe muito bem como cuidar de si mesma. Mas nós temos um pacto antigo, que colocamos em prática sempre que trabalhamos juntos no bar. Se um dos dois precisar de um falso namoro para se safar elegantemente de uma situação desagradável, o outro deve se aproximar e desempenhar seu papel.

Temos esse trato desde os tempos de faculdade e ele funciona que é uma beleza.

Funciona ainda melhor porque Charlotte e eu jamais teríamos um relacionamento amoroso. Eu preciso muito da amizade dela e, a julgar pelo número de vezes que ela riu comigo ou chorou no meu ombro, ela também precisa de mim como amigo. Nosso acordo é brilhante também por esse motivo: nós sabemos que nunca seremos mais do que amigos.

Saio de trás do balcão e caminho na direção de Charlotte. Alcanço-a bem no momento em que o Bigodudo lhe estende a mão, apresenta-se e pergunta seu nome.

Apareço de repente e ponho a mão nas costas dela, como se ela fosse minha. Como se eu fosse o único que pudesse tocar o corpo dela, correr os dedos pelos seus cabelos e olhar bem em seus olhos. Inclino a cabeça e o encaro com um sorriso bobo de satisfação no rosto, porque sou eu o único filho da mãe sortudo que vai para casa com ela.

— O nome da minha noiva é Charlotte. Muito prazer, eu sou Spencer — digo e estendo a mão para cumprimentá-lo.

O cara enrugua o nariz como um coelho, notando mais uma bola fora que dá nesta noite.

— Tenham uma boa noite — ele balbucia e desaparece num piscar de olhos.

Charlotte olha para mim e balança a cabeça em sinal de aprovação.

— Hum, nada mau... Capitão Noivão veio em meu resgate — ela brinca, correndo a mão pelo meu braço e apertando meu bíceps. — Eu nem vi aquele cara se aproximando.

— É por isso que você pode contar comigo. Nada escapa aos meus olhos, são como radares — eu digo enquanto tranco a porta de entrada. O bar está vazio agora. Restamos só nós dois, como acontece tantas noites na hora de encerrar as atividades.

— E geralmente esses radares estão ocupados em busca de mulheres disponíveis — ela retruca, lançando-me um olhar do tipo: *“Eu conheço você muito bem”*.

— Bem, o que posso fazer? Eu gosto de manter meus olhos em forma, assim como o resto de mim — eu digo, passando a mão em meu abdome liso e sarado.

Vejo Charlotte bocejar.

— Vá dormir, já é tarde.

— É o que você deveria fazer também. Oh, não, espere aí. Você provavelmente tem um encontro, não é?

Não seria mesmo nenhuma novidade. Eu quase sempre tenho um encontro.

No início deste mês, eu conheci uma garota muito gata na academia. Ela estava malhando forte, mas malhou ainda mais forte comigo depois,

quando eu a coloquei de quatro no sofá do meu apartamento. No dia seguinte, ela me mandou uma mensagem de texto, contando-me que suas coxas estavam doendo e que estava adorando a sensação. Pediu-me que a visitasse quando fosse a Los Angeles, porque queria repetir a dose.

Claro que ela queria. Depois que você prova filé-mignon, fica difícil voltar a carne de segunda.

Salvei o número dela na minha agenda. Nunca se sabe, não é? Dois adultos podem perfeitamente se divertir a noite inteira e se despedir pela manhã, dando pulos de alegria pelos orgasmos múltiplos alcançados.

É assim que deve ser. A primeira regra de uma transa é esta: sempre dê prazer à mulher primeiro e, de preferência, repita a dose antes de pensar em receber. As duas regras seguintes são igualmente simples — não se apegue e nunca, jamais, seja um idiota. Eu sigo as minhas próprias regras e elas me dão uma vida boa. Tenho 28 anos, sou solteiro, rico e bem bonito. E sou um cavalheiro. Por que será que não me surpreendo quando consigo uma transa?

Esta noite, porém, meu pênis está fora de funcionamento. Vou dormir mais cedo.

Balanço a cabeça numa negativa em resposta à pergunta de Charlotte e começo novamente a limpar os balcões.

— Que nada. Tenho uma reunião às sete e meia da manhã com meu pai e um cara para quem ele está tentando vender a loja. Preciso estar descansado e causar uma boa impressão.

Ela apontou a porta de saída.

— Ande, vá aproveitar o seu sono de beleza, Spencer. Eu fecho tudo por aqui.

— Nada disso. Estou substituindo a Jenny. Você é quem vai pra casa. Vou pedir um táxi para levá-la.

— Eu moro em Nova York há cinco anos, está lembrado? Sei como pedir um táxi tarde da noite.

— Sei o quanto você preza a sua independência, mas não adianta: vou mandá-la para casa. Você pode fazer em seu apartamento o trabalho que está fazendo aqui. — Atiro o pano de limpeza na pia. — Mas você não está preocupada com Bradley Dipstick? E se ele estiver plantado na portaria do seu prédio, esperando para lhe dar flores a essa hora da noite?

— Não. Ele geralmente arma essas emboscadas para pedir desculpas durante o dia. Ontem mesmo me enviou um urso de pelúcia gigante, segurando um coração de seda vermelho com a estampa: “*Por favor, me perdoe*”. Que diabos eu faço com uma coisa dessas?

— Mandê de volta para ele. No escritório. Escreva no coração um NÃO bem grande com batom. — O ex-namorado de Charlotte é um babaca de carteirinha, um completo bobalhão. Ela jamais voltará para esse idiota. — Espere — eu digo, levantando uma mão. — Será que esse urso de pelúcia tem um dedo médio separado na pata?

Ela ri.

— Sabe que essa é uma ótima ideia, Spencer? Eu só não queria que o prédio inteiro ficasse sabendo da minha vida.

— Eu sei. Espero que você nunca mais precise topar com ele por aí...

Eu peço um táxi, dou um beijo na bochecha dela e a mando para casa. Depois de fechar o estabelecimento, vou para o meu apê em West Village — no sexto andar de um prédio espetacular, com um terraço com vista para o sul de Manhattan. Perfeito em uma noite de junho como esta.

Jogo minhas chaves no aparador que fica no corredor de entrada e verifico as mensagens recentes em meu celular. Dou risada quando vejo que minha irmã, Harper, enviou-me uma foto veiculada algumas semanas atrás em uma revista popular; nela, eu apareço na companhia daquela gostosa da academia. Acontece que a mulher é uma aspirante a celebridade, conhecida por participar de um *reality show* na televisão. E eu sou “*o famoso playboy da cidade de Nova York*” segundo a legenda da fotografia — a revista já havia me descrito da mesma maneira quando fui visto com uma outra deliciosa beldade, uma nova *chef* de cozinha de um restaurante inaugurado em Miami no último mês.

Hoje à noite, contudo, eu vou me comportar como um bom garoto.

Já para amanhã, não posso prometer nada.